DIÁRIO *de bordo*



Problemas no Leste

ROBERTO RODRIGUES

Já se comentou nesta coluna a problemática que as cooperativas dos países desenvolvidos estão enfrentando, sobretudo quanto à concentração determinada pela competição comercial, fato gerador de exclusão social por um lado e por outro de distanciamento entre a base e a cúpula.

As cooperativas agrícolas do Leste europeu se debatem com problemas muito maiores.

Após a redemocratização do final dos 80 e começo dos 90, o modelo de exploração agrícola coletivista foi substituído. Os colcozes, antigas fazendas coletivas, foram eliminadas na Hungria, na República Tcheca, na Eslováquia e na Romênia entre outros.

Os governos procuraram as famílias que, antes da revolução socialista dos anos 50, eram proprietárias das terras delas tomadas. Mas passadas duas gerações, tornou-se um grande problema devolvê-las aos donos. Muitos se mudaram para outras regiões e não querem voltar; outros, passadas quatro décadas, não têm mais nada a ver com agricultura, pois se dedicaram a outras atividades; há aqueles cujas terras foram ocupadas por estradas, cidades, construções e perderam a identidade; e naturalmente a grande maioria não quer as terras de volta por não ter capital nem tecnologia para tocar a atividade.

Isso criou um impasse: como boa parte dos antigos proprietários não quer voltar à agricultura e é necessário produzir para alimentar o povo, as velhas cooperativas se encarregaram da produção. Mas o modelo antigo demora a ser substituído pelo liberal e as situações são díspares.

Por um lado, as velhas cooperativas são olhadas com desconfiança pela sociedade em geral e pelos novos agricultores, porque no passado foram uma espécie de agências do governo. A imagem é muito negativa. Por outro lado, enquanto não se organizam novas cooperativas sob o conceito universal moderno, as velhas não conseguem atender a toda a demanda durante a transição.

Para piorar as coisas, alguns espertalhões se aproveitam do desinteresse dos velhos proprietários para lhes oferecer a compra de suas terras por preços aviltados. Como não querem mesmo a terra, os antigos donos se sentem atraídos por ofertas de 20% do preço real. É uma malandragem com a qual o governo não concorda, acaba interferindo, repetindo os erros do passado. Grande complicação, potencializada pela ausência de legislação adequada e moderna.

Como disse um líder cooperativista romeno: "É fácil ir do capitalismo para o comunismo, mas é difícil a via inversa".

O custo da adaptação é muito alto. Tanto que os países do Leste se enfileiram para juntar-se à Unidade Européia e usufruir os subsídios comunitários. Esse é o grande sonho dos agricultores daqueles países. Mesmo porque hoje eles estão competindo – sem subsídios, tecnologia ou infra-estrutura – com seus vizinhos da UE que têm tudo isso de sobra. A entrada na União seria a forma de participar do bolo protecionista.

Acontece que os agricultores dos atuais 15 países da UE pressentem nisso uma divisão do mesmo bolo, o que implicaria diminuição da sua própria fatia. É um jogo complexo, não se resolverá rapidamente e pode resultar na retomada das políticas internas de cada país, uma espécie de renacionalização das políticas públicas de apoio agrícola. As reformas na Política Agrícola Comunitária – PAC –, por sua vez não estão agradando a boa parte dos agricultores europeus.

E a Rússia tem um problema adicional. Segundo Mikhail Gutseriev, uma espécie de vice-coordenador das questões agrícolas do Parlamento da Federação Russa – Duma –, está ainda muito difícil admitir a propriedade privada da terra naquele país. Apenas 8 milhões de hectares estão nas mãos de agricultores privados.

A imensa maioria do gigantesco território russo pertence ao Estado, que arrenda terras a particulares. Esses arrendatários não têm garantias para oferecer ao sistema financeiro e obter crédito rural. E o Estado, antigo supridor de insumos e garantidor da renda dos agricultores no antigo regime comunista, já não tem condições de fornecer crédito.

Falta esse importante instrumento básico de política agrícola, o que explica a redução das safras na Rússia e a necessidade de importar alimentos. O problema é bastante delicado e sem solução à vista: sem garantias não existe crédito e sem crédito não se produz. E a Rússia tem imensas áreas de terra fertilíssima, especialmente no Sudeste, nas áreas vizinhas à Ucrânia, com solos de alta produtividade.

Uma solução possível seria organizar cooperativas agrícolas, mas ainda assim a questão do crédito não estaria resolvida. E a tradição do cooperativismo russo é muito forte na área do consumo, uma vez que por décadas as cooperativas promoveram a produção e o abastecimento de alimentos. As fábricas de produtos lácteos, derivados de carne, óleos vegetais, bebidas, derivados de trigo etc. pertencem ainda às cooperativas de consumo, que integram a cadeia produtiva de trás para a frente, diferente de outros países, onde quem se ocupa da industrialização são as cooperativas agrícolas.

Há um longo caminho a percorrer até o desenvolvimento de uma agricultura sólida e competitiva no Leste europeu, o que poderia ser uma oportunidade para países como o nosso, desde que nos dispuséssemos a concorrer com a Europa ocidental.

Mas esta já é outra estória.